

Camargo faz poesia com escultura

Com pedaços de madeira pintados de branco e grudados a uma superfície plana, formando engenhosas composições, o artista brasileiro Sérgio Camargo ganhou recentemente o Prêmio Internacional de Escultura, na Bienal de Arte Internacional, de Paris. Foi essa a primeira vez que se atribuiu o prêmio a um escultor brasileiro.

O êxito de Sérgio Camargo se explica, segundo um crítico, pelo fato de seus trabalhos serem "poesia esculpida". Seu efeito não resulta da aparência da madeira, propriamente, ou de suas cores, mas sim dos reflexos da luz que cai sobre o mosaico branco. Fugindo a qualquer forma definida, eles tentam "desconcretizar" o material, assim como um dançarino procura superar as leis da gravidade.

Camargo, por sua vez, diz que sua preferência por esse tipo de escultura se explica, pelo menos parcialmente, pelo fato de haver ele passado a juventude no Rio de Janeiro. "Nós vivíamos perto do mar, e quase não havia cores ali, a não ser depois da chuva", observa. "À luz brilhante do mar, os contornos de todos os objetos ficavam imprecisos e irreais."

Suas esculturas, embora a primeira impressão não seja essa, exigem um trabalho realmente impressionante.

"Primeiro, eu preciso obter minha matéria-prima", diz Camargo. "Em Paris, não encontro o tipo adequado de madeira, porque aqui só se vendem tábuas. Por isso, vou às montanhas do Jura, onde conheço os donos de algumas serrarias, que quase sempre têm em estoque o que eu quero; outras vezes, tenho de ir buscá-la na própria floresta, acompanhado de um lenhador, que corta as árvores que escolho."

Depois, o próprio artista serra a madeira em pequenos pedaços e leva para casa um carregamento de aparas de todos os tamanhos, de 2 a 60 centímetros de comprimento e 2 a 20 centímetros de espessura. Em seu *atelier* em Malakoff, no Sul de Paris, ele tem um "arquivo" dessas peças, todas numeradas. No total, há 20 mil peças classificadas em diversas gavetas.

"Sempre que tenho uma idéia nova, experimento-a primeiro em pequena escala", explica Camargo. "Eu movimento as aparas menores sobre um painel, até que elas se enquadrem dentro da composição que visualizei. Às vezes, leva semanas até que eu encontre a solução certa e possa compor

a versão final cinzelando peças maiores e fixando-as num painel. Habitualmente, eu trabalho em quatro ou cinco projetos ao mesmo tempo."

Camargo é um jovem de 33 anos, de rosto redondo e cabelo escasso, olhos azuis. Chegou a Paris em 1948 para estudar filosofia na Sorbonne, mas logo se interessou pela arte e começou a trabalhar com os escultores cubistas Arp e Brancusi. Nessa época, ele fazia obras figurativas, com pedra, ferro e gesso. Pouco mais tarde, voltou-se para o abstracionismo.

Em 1954, já de nôvo no Rio, ganhou um prêmio *hors concours* do Salão Nacional de Arte Moderna. Nos anos seguintes, seus trabalhos foram expostos em três bienais de São Paulo, bem como em Lima, Santiago do Chile e Buenos Aires. Muitas de suas peças foram adquiridas pelos museus do Rio e de São Paulo.

O período de escultura em madeira começou pouco antes de sua volta a Paris em 1960. "Por algum tem-

po, tentei fazer essas composições com areia e gesso, para serem eventualmente fundidas em bronze", disse. "Mas o bronze é muito caro. A madeira pode ser pintada de branco, o que é essencial para o impacto que eu quero alcançar. Sinto que apenas comecei a explorar meu nôvo meio de expressão. As possibilidades são infinitas."

O escultor mora num apartamento moderno em Vanves, perto de Paris, com sua esposa francesa, Marie-Louise, e seus filhos, Carlos, de 12 anos, e Cristóvão, de 9. Seu *atelier* está instalado numa velha cocheira, que alugou e adaptou. "Demorou um ano até que eu pudesse encontrar um bom lugar para trabalhar", disse. "Paris tem-se tornado um problema terrível para os artistas, financeiramente."

Entretanto, Camargo está vendendo bem suas esculturas. Os círculos artísticos europeus acham seu trabalho original e até mesmo único em seu estilo. Um arquiteto, por exemplo, lhe pediu ajuda para decorar novas mansões no Sul da França, onde suas criações podem ser vistas sob luz melhor. Ele também tem convites para efetuar exposições em Londres, Roma e em Mannheim, na Alemanha. Para outubro deste ano, já está marcada uma exposição de seus trabalhos em Caracas e em outras cidades da Venezuela. Além disso, o escultor tem planos para a Bienal de São Paulo de 1965.



O artista trabalha com madeira, compondo as peças e fixando-as num painel